

# **REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA SOBRE (NOVAS) PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E ANÁLISE CRÍTICA DOS DOCENTES BRASILEIROS PÓS PNE/2014**

Luana Priscila Wunsch<sup>1</sup>

Daiane Blaszkowski

Ana Paula Dallagassa Rossetin

**Resumo:** A pesquisa apresenta uma análise qualitativa sobre as práticas docentes brasileiros perante o real multiletramento, pós Plano Nacional de Educação de 2014. Foi realizada uma revisão sistemática da literatura com um protocolo que possibilitou a verificação de diferentes conceitos de leitura e escrita, nas mais diversas culturas e etnias, percebendo que tais ações vão além da prática escolar.

## **Introdução**

Após a compreensão da importância de se pensar como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) já estão inseridas em nossos cotidianos, em nossas escolas, este estudo centra-se nas questões digitais para o ensino da Língua Portuguesa nos primeiros anos do Ensino Fundamental (EF). O foco é apresentar uma análise, de cunho qualitativo, sobre as características das (novas) práticas utilizadas pelos docentes nas turmas do período de alfabetização, de forma contextualizada e significativa, destacando as especificidades da aprendizagem dos alunos perante o real multiletramento digital.

Assim, ao partir do conceito de letramento com ênfase na multiplicidade e variedade de recursos, linguagens e símbolos (PIMENTA, 2014), verifica-se se é possível afirmar sobre a necessidade de requerer “novas práticas, que exigem, sobretudo, análise crítica do receptor/interlocutor” (FRANÇA, 2016, p. 06). Nesse caso, tomam-se os docentes do EF que não devem pensar somente em ensinar mecanicamente os atos de ler e escrever, mas apoiar a promoção da interpretação de sua realidade. Desse modo, os alunos tornam-se capazes de tomar decisões, individuais e coletivas, e estão sempre dispostos a aprender.

Ao tomar essa questão-chave, realizou-se uma revisão sistemática da literatura, visitando as plataformas Google Acadêmico e Scielo, e buscando algumas temáticas, como “Leitura e escrita no século XXI”, “Prática docente inovadora”, “Prática docente para leitura e escrita” e “Alfabetização e Multiletramento”. A partir de um protocolo organizado pelas autoras e validado por dois especialistas, foram feitos dois cortes para a coleta de dados: (i) temporal: apenas publicações realizadas após junho do ano de 2014, época em que foi aprovada a Lei nº 13005/2014 – Plano Nacional de Educação e sua quinta meta de alfabetizar todas as crianças de até, no máximo, oito anos de idade; (ii) geográfica: apenas publicações de pesquisadores brasileiros, devido aos pressupostos do item “i”.

## **Práticas de leitura, escrita e análise crítica perante o multiletramento digital**

O primeiro ponto analisado correspondeu à compreensão dos atos de “ler” e “escrever”, se estes são terminologias que buscam a ligação de práticas sociais diversificadas, ou seja, de situações que fazem parte da cultura local e/ou global, nas quais todo cidadão deve estar inserido.

---

<sup>1</sup> E-mail: [luana.w@uninter.com](mailto:luana.w@uninter.com).

Nesse sentido, a pormenorização da revisão, realizada em 512 publicações, incluindo artigos, dissertações e teses, fez emergir, primeiramente, duas categorias: a) prática do professor; e b) leitura e escrita, as quais perceptivelmente desembocaram no contexto da terceira categoria: c) aprendizagem:

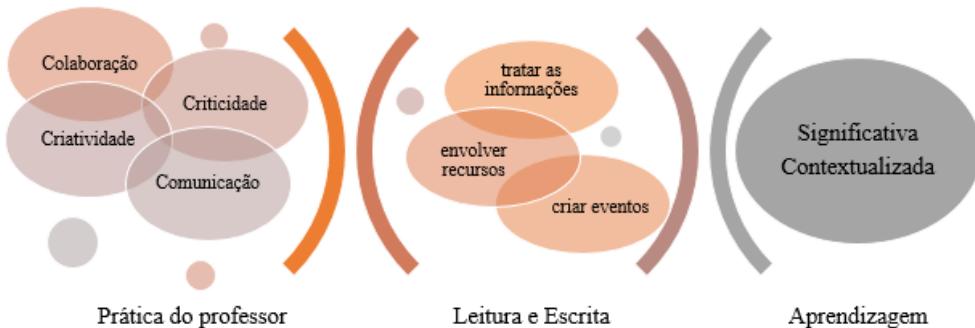


Figura 1: Categorias de análise – Fonte: as autoras (2018)

A Figura 1 esclarece que as palavras-chave “prática do professor” e “aprendizagem”, significativa e/ou contextualizada, apareceram em mais de 80% dos estudos analisados, colocando em reflexão sobre as tão referenciadas práticas de leitura e escrita, descritas pós-PNE 2014 por docentes pesquisadores brasileiros. Essas práticas não são novas e o que pode ser considerado como inovador é a consciência que o professor tem sobre o seu papel enquanto formador de leitores e escritores conscientes, por meio de práticas de colaboração, criatividade, criticidade e comunicação.

É importante destacar que, durante a pesquisa, foram encontrados diferentes conceitos de leitura e escrita. Neste estudo, tem-se como base o da autora Rojo, a qual teve a maior incidência de citações dentre as publicações, referenciada em 75% das publicações. Ela, em conjunto com Rangel (2010), descreveu que “trabalhar com os letramentos na escola, letrar é integrar os alunos a práticas de leitura e escrita socialmente relevantes que estes ainda não dominam” (p. 27).

Já na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), documento com maior incidência de referenciamento quanto aos temas pesquisados, esses atos são descritos como um momento de aprofundamento das experiências e devem ocorrer no EF por meio dos seguintes aspectos:

Oralidade	Aprofundam-se o conhecimento e o uso da língua oral, as características de interações discursivas e as estratégias de fala e escuta em intercâmbios orais.
Análise Linguística/Semiótica	Sistematiza-se a alfabetização, particularmente nos dois primeiros anos, e desenvolvem-se, ao longo dos três anos seguintes, a observação das regularidades e a análise do funcionamento da língua e de outras linguagens e seus efeitos nos discursos.
Leitura/Escuta	Amplia-se o letramento, por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura em textos de nível de complexidade crescente, assim como no eixo Produção de textos.
Produção de texto	Progressiva incorporação de estratégias de produção de textos com diferentes gêneros textuais.

Tabela 3: Eixos a serem desenvolvidos durante o EF – Fonte: BNCC (BRASIL, 2017, p. 87).

Ao discorrer a respeito do eixo leitura, esse documento interliga as práticas leitoras com o uso e a reflexão sobre elas, considerando a leitura não somente o texto escrito, mas também imagens, sons e a cultura digital (transversalmente os hipertextos, hipermídias e a *web* nas suas diferentes versões 2.0, 3.0 e 4.0).

Nessa perspectiva de práticas letradas, alfabetizadas em diferentes cenários, com diferentes estruturas, percebeu-se um engajamento social, discursivo e crítico não apenas relacionado à distinção de conceitos e termos, mas ao seu entendimento como fontes de inserção do sujeito, letrado em símbolos e em mundo. Somente com a utilização das letras é possível reconhecer o espaço para agir e reagir consigo e com o outro.

## **Considerações**

Por meio desta pesquisa foi possível analisar os estudos realizados pós-PNE 2014, os quais destacam a relevância de extinguir o analfabetismo no Brasil, conforme a normativa. Os estudos dão destaque para que isso ocorra, inclusive para banir definitivamente as práticas mecânicas de leitura e escrita, contextualizando as necessidades de cada aluno e, inclusive, do professor para além dos muros da escola, voltadas para um uso social e prática cidadã.

Mas, afinal, como os docentes brasileiros estão refletindo sobre suas práticas a partir desse (novo, ou não tão novo) cenário? Essa questão vem ao encontro dos relatos de Rocha e Arruda (2015, p. 100), que descreveram que “a consolidação como prática social fez com que se reconhecesse a necessidade da escola proporcionar aos alunos o domínio do uso e “das funções da leitura e da escrita, por meio de estratégias que os auxiliasse na interação entre o leitor/ aluno e texto”.

Portanto, destaca-se, nesse contexto, que as práticas dos docentes do EF devem ser no sentido do multiletrar, sendo esse ato ininterrupto. À medida que vão surgindo novos valores e, por que não, novas formas de interação, novos usos linguísticos vão se concretizando (SANTOS, ABREU, 2017). Por isso, surge a necessidade de compreensão sobre os diferentes caminhos do seu uso social pelos alunos, funcionando como uma importante interface pedagógica.

## **Referências**

BRASIL. *Lei nº 13.500, de 25 de junho de 2014*. Plano Nacional de Educação. Brasília: Ministério da Educação, 2014.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. 3. versão. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

FRANÇA, J. Sá. Li, mas não entendi. *Artefactum-Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia*, v. 12, n. 1, 2016. p. 1-12.

PIMENTA, S. Facebook.com: o (multi)letramento das gerações pós-modernas nas habilidades de leitura e escrita. *Revista Eletrônica de Letras*, v. 7, n. 1, 2014. p. 01 a 42.

RANGEL, E.; ROJO, R. *Língua Portuguesa: ensino fundamental*. Coleção Explorando o Ensino. v. 19. Brasília: Ministério da Educação e Secretaria da Educação Básica, 2010.

ROCHA, C.; ARRUDA, M. O desenvolvimento do Ensino da leitura e escrita: Concepções e metodologias de alfabetização. *Revista Diálogos Interdisciplinares-GEPFIP*, v. 1, n. 2, 2015. p. 100-115.

SANTOS, F.; ABREU, V. As interfaces digitais e suas contribuições para as práticas de letramento infantil na contemporaneidade. In: V SIMELP – SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA. DE VOLTA AO FUTURO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2017. *Atas...* 2017. p. 2823-2844.